

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CADERNOS DO I. L.

n. 10  
JULHO DE 1993

# TERMINOLOGIA



INICIATIVA: Projeto Terminológico Cone Sul - TERMISUL

## DA TRADUÇÃO

MARIA LÚCIA MACHADO DE LORENCI  
UFRGS

"*Traduzione, traducción, traduction, tradução*, são palavras românicas que não foram usadas até o século XV; é sabido que a própria palavra latina de que procedem, *traductio*, não foi empregada no seu sentido moderno até o ano de 1400, *translation*, continuação da antiga e tradicional forma latina *translatio*, e o alemão *übersetzung* significam a ação de "levar ao outro lado"; quer dizer, o "tradutor", o que "traduz", leva os homens ao outro lado de uma barreira lingüística que, sem sua ajuda, não poderiam ultrapassar. E esta atividade "tradutora", possibilitadora da "passagem ao outro lado", é várias vezes milenar."

Valentín Garcia Yebra

### 1 O Ofício de Traduzir

Em realidade, *tradução* não é a simples busca de palavras em dicionários conceituados, é muito mais o difícil trabalho de conectar os pensamentos, sempre diversos, dos homens e dos povos. Assim considerada, a tradução consiste em transpor, de uma língua a outra, idéias, sentimentos, visões de mundo, posturas ante a vida e a morte, enfim uma gama de conteúdos aos quais a mera substituição de palavras não consegue atender plenamente.

O ofício de tradutor e intérprete é bastante antigo aqui na América. Chegou com Cristóvão Colombo, há 500 anos, e surgiu da sua necessidade de comunicação com os nativos das terras recém

descobertas. Como só contava com intérpretes dos idiomas árabe e hebreu, embarcou alguns nativos para utilizá-los como guias e futuros intérpretes. Dessa forma, os descobridores e conquistadores tiveram facilitada sua tarefa pelo concurso desses intérpretes, chamados "línguas", que tiveram sua atividade regulamentada nas "Leis das Índias". Os "línguas" podiam atuar como intérpretes nos julgamentos, junto aos nativos e até nas "Audiências Reais". Para poder exercer sua função, deviam jurar que usariam seu ofício para o bem e com lealdade. Eram-lhes exigidas qualidades morais como fidelidade, justiça e bondade, uma vez que eles seriam o instrumento através do qual se faria a justiça aos índios. Eram proibidos de receber presentes ou recompensas, em pagamento dos seus serviços, de parte dos índios ou mesmo dos espanhóis envolvidos nos casos em que atuavam profissionalmente. Seu salário estava estipulado nas "Leis das Índias" e o fundo para garanti-lo provinha das custas judiciais, com caráter preferencial sobre outras despesas.

Mas o fato de que já houve uma época em que o Intérprete ou Tradutor teve regulamentada sua atividade e seu salário estipulado em lei não garantiu uma situação funcional mais cômoda na atualidade, pois, hoje em dia, continua a se defrontar com sérios problemas dessa natureza mesmo em países avançados.

No Brasil, considerando a realidade sócio-econômica, política, cultural e lingüística, a formação profissional do Tradutor exige não só que ele seja no mínimo bilíngüe, com sólido domínio lingüístico nos idiomas em que pretende especializar-se, mas possua ainda uma razoável cultura básica. Deve conhecer, em profundidade, a Teoria da Tradução que, através de seus aspectos técnicos, lhe permitirá um melhor desempenho na prática da tradução de textos variados, sejam eles do campo humanístico, sejam científicos ou técnicos. O conhecimento da Teoria da Tradução pode ser considerado o elemento que define o nível do tradutor. Somado à prática, também indispensável, imprimirá o traço de qualidade que distingue o tradutor profissional dos tradutores "de ouvido", aproximando-o o máximo do desempenho ideal que supõe não apenas o esforço de traduzir, propriamente dito, mas também a capacidade de interiorizar-se no texto e assimilar-lhe o conteúdo.

O profissional competente é o que consegue levar com fidelidade o texto da língua fonte à língua alvo, na opinião de Taber e Nida, "utilizando os equivalentes mais próximos e naturais, tanto no sentido quanto no estilo" (apud Yebra, 1983, p. 59). Sua principal preocupação e compromisso será sempre com a integridade semântico-pragmática do texto original, integridade essa que não pode prescindir de um amplo conhecimento lingüístico. Além disso, ao tradutor profissional que não se contentar com um trabalho medíocre, é exigida uma das seguintes posturas: especialização em um campo técnico-científico determinado, que permitirá maior aprofundamento na área escolhida, ou uma ampla formação humanística, que possibilitará trabalhar com textos de áreas variadas.

A primeira consiste num ideal difícil de atingir em nossa realidade de trabalho, onde, raramente, o tradutor que se inicia como profissional e pretende viver do seu trabalho pode permitir-se a escolha de um campo específico, pois, dependendo freqüentemente de indicações de pessoas amigas para ter acesso às oportunidades de trabalho, deve aceitar o que surgir, sem a possibilidade de pretender especializar-se.

A segunda opção é a mais observável. Nesse caso, o tradutor deverá ser um curioso insaciável, um leitor que não se cansa na busca de qualquer tipo de informação, procurando ampliar seus conhecimentos em todos os âmbitos possíveis, enquanto aguarda a oportunidade de, tendo já conquistado seu espaço, poder escolher o campo de trabalho.

Por tudo isso, a tarefa do tradutor não é simples e, muitas vezes, as dificuldades que ele tem de enfrentar se agravam pelo isolamento. Traduzir tem sido, durante muito tempo, ofício solitário.

É certo que, nos últimos anos, começa a tomar corpo a idéia de "colaboração" e muitos tradutores já podem, através dos seus computadores, socorrerem-se dos Bancos Terminológicos de disponibilidade recente. Porém, no momento, não há dúvida de que a maioria dos tradutores continua trabalhando só, com os seus dicionários.

Esse isolamento, somado à escassez de dicionários bilíngües atualizados e lingüisticamente eficientes, sobretudo na área técnica, colocam-no numa posição de desvantagem que, em última instância,

reflete-se na qualidade das traduções e, por extensão, nos benefícios de que poderiam usufruir os seus leitores.

## 2 A Importância dos Dicionários para o Trabalho do Tradutor

O dicionário, por tudo que aqui vimos, acaba sendo o único companheiro do tradutor. Por isso, julgamos importante uma reflexão sobre esse texto-instrumento, em especial os dicionários bilíngües. Por que motivo são eles tão importantes a ponto de merecerem tal distinção? Reportamo-nos a Yebra que afirma que "a realidade é que não se pode traduzir o significado dos signos lingüísticos como tal. Não se traduz de língua a língua, mas de "fala" a "fala", isto é, de um texto a outro texto" (Yebra, 1982, p. 152).

Situa-se, nesse marco, o problema fundamental dos dicionários bilíngües, instrumentos essenciais para o tradutor. Ao ignorarem as características específicas da "fala", deixam de registrar modalidades importantes para o processo tradutório.

Por exemplo, é comum o fato de que a uma única palavra de uma língua correspondam duas, ou mais, de outra. Se isso não se encontra assinalado no dicionário, poderá haver problemas de propriedade na tradução de textos concretos.

Além disso, a contextualização dos termos facilita a escolha do equivalente mais adequado, porém o emprego no contexto só é observado nos dicionários monolíngües. Conseqüentemente, o tradutor, para chegar a um bom resultado na sua tarefa, não pode prescindir do uso de dicionários gerais ou terminológicos em ambas as línguas (língua fonte e língua alvo), de dicionários etimológicos, de sinônimos e antônimos ou, ainda, de dicionários ideológicos.

Outra dificuldade advém da nomenclatura escolhida. A seleção dos termos é muitas vezes aleatória e dissociada da necessidade real do usuário. Além disso, um fato facilmente observável no simples cotejo de diferentes dicionários bilíngües é que um parece ser cópia do outro, uma vez que, se o termo não consta de um, dificilmente estará registrado em

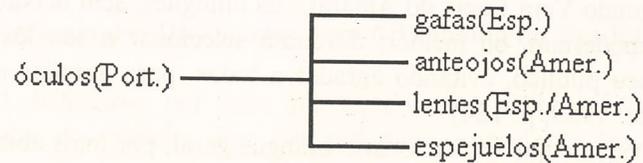
outro. Esse é um dos problemas mais espinhosos com que se defronta o tradutor no desempenho de sua tarefa.

Segundo Vera Lúcia do Amaral, "os bilíngües, sem deixar de ser extensivos, poderiam, ou melhor, deveriam selecionar o seu léxico em função do seu público, evitando agradar a todos, para agradar muito a um" (Amaral, 1989, p. 124).

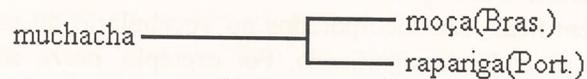
É evidente que um dicionário bilíngüe geral, por mais abrangente que se proponha a ser, não conseguirá cobrir a totalidade do léxico da língua de origem nem de seus equivalentes na língua de destino. Por isso, seria desejável que dispuséssemos de um maior número de dicionários especializados.

O dicionário terminológico, porque trata de léxico técnico-científico, é o que apresenta as equivalências mais próximas ao ideal, diminuindo, assim, a ambigüidade textual. Os termos, derivando de áreas técnicas e científicas, são incorporados ao vocabulário de uso comum sem perder a precisão de significado. Por exemplo, *acero* só pode ser traduzido para o português como *aço*. Essa relação de equivalência é a menos problemática para um dicionário de tradução, pois para cada termo da língua fonte, corresponderia um único termo na língua alvo, dispensando assim a necessidade de explicações, definições ou mesmo de contexto.

Outros vocábulos, oriundos da língua comum, além da definição, de explicações sobre o uso e inclusão de contextos, necessitam apontar uma relação das diferentes possibilidades de equivalência na língua alvo, principalmente quando se tratar de línguas que sofrem grande variação geográfica, como é o caso do espanhol (com a modalidade espanhola e a modalidade dos países hispanoamericanos) e o português (modalidade de Portugal, modalidade brasileira, modalidade africana). Exemplo concreto de tal fato são os vocábulos seguintes:



ou o inverso:



Um dicionário bilíngüe que se proponha a estabelecer equivalências entre duas línguas muito próximas, como é o caso do português e do espanhol, pode ter seus problemas potencializados se ignorar características específicas e próprias de cada idioma. O estabelecimento do contraste entre duas línguas em evolução e que, embora se aproximem, também se afastam, supõe uma cuidada análise dos traços sêmicos comuns a cada palavra e, freqüentemente, uma consulta às fontes, indo até a etimologia.

Palavras como *crianza* (esp.)/*criança* (port.) estão registradas nos dicionários bilíngües como equivalentes. No uso corrente, no entanto, têm significados diferentes. Para não incorrer em impropriedade de tradução, como a que induziria o dicionário bilíngüe, é preciso socorrer-se de dicionários monolíngües de língua espanhola e de Língua Portuguesa. Senão vejamos:

*crianza*, *sf.* criança; criação.<sup>1</sup>  
*crianza*: *f.* Acción y efecto de criar.<sup>2</sup>  
*criança*. [do lat. *creantia*] *sf.* 1. Ser humano de pouca idade, menino ou menina; párvulo. 2. Pessoa ingênua, infantil: *Não desconfia de nada, é uma criança.*  
 3. Ant. Criação, educação.<sup>3</sup>

O dicionário bilíngüe leva a supor que as palavras equivalem no seu significado. Apenas os dicionários monolíngües é que permitirão ao leitor verificar que, na língua espanhola, o termo assume conotação diferente (*criação*).

Nesse ponto, tentaremos uma classificação das possibilidades de equivalências que se encontram num dicionário bilíngüe ou de tradução:

1) Equivalência quase perfeita: pela proximidade léxica entre língua fonte e língua alvo, observável quase sempre em Terminologia Técnica. Ex.: esp. *Dársena* / port. *Doca*. (Aqui só há uma equivalência possível).

2) Equivalência imperfeita:

a) Unidade polissêmica na língua fonte com correspondência de diferentes sememas na língua alvo:

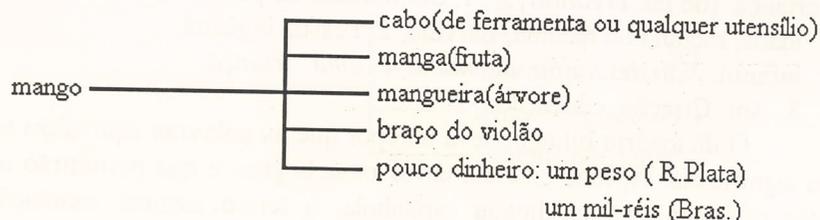
<sup>1</sup> PORTUGUÊS - Espanhol. Porto: Porto Editora, 1982. 594 p. (Dicionários Acadêmicos).

<sup>2</sup> BOCADO, Alfonso Carlos (Dir.) Grijalbo diccionario práctico de la lengua española. Barcelona: Grijalbo, 1988, 1071 p.

<sup>3</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1516 p.

Espanhol

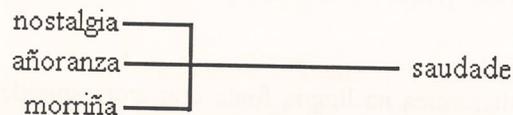
Português



b) Caso inverso do anterior: Unidade Polissêmica na língua alvo em relação a diversos sememas na língua fonte:

Espanhol

Português



Nos dois casos anteriores, é preciso conhecer e respeitar o contexto.

3) Ausência de termo equivalente, exigindo o uso de paráfrase ou definição enciclopédica. Ex: esp. *Paella* / port. \*não tem equivalente; "prato de arroz seco com carne, peixes, hortaliças, etc.; arroz à valenciana".<sup>4</sup>

Pela complexidade da situação, casos como esse exigem, muitas vezes, nota de rodapé.

Com base no exposto, para o tradutor é de capital importância poder dispor de bons dicionários bilíngües unidirecionais que lhe permitam atender a sua dupla tarefa: compreensão dos textos na língua fonte e produção de textos na língua alvo.

A maioria dos dicionários bilíngües existentes tentam auxiliar no cumprimento dessas duas tarefas, mas sem muito sucesso, principalmente no que se refere aos do Espanhol/Português e Português/Espanhol. Nesses dicionários as falhas mais significativas situam-se no "componente semântico, na definição ou análise do significado" (Cf. Rey-Debore, 1984, p. 66), ou, ainda, na opinião de Vera Lúcia do Amaral "exatamente onde não poderiam tê-las: no tratamento dos falsos cognatos - a grande armadilha, no emprego do léxico, para os aprendizes das duas línguas irmãs" (Amaral, 1989, p. 122).

Um exemplo do problema acima exposto é o observado no Dicionário da Porto Editora que, no volume Port./Esp. registra os vocábulos "tacanho/tacaño" sem nenhuma observação, como se ambos significassem o mesmo nos dois idiomas; e no volume Esp./Port. consigna: "tacaño/tacanho, sovina, avarento, mesquinho". A primeira acepção não é a mais usual, uma vez que *tacanho*, em português, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é "de pequena estatura; pequeno; manhoso; estúpido; que não tem largueza de vistas nas suas idéias".<sup>5</sup>

Em tal caso, seria imprescindível algum mecanismo que permitisse ao usuário reconhecer qual a acepção mais usual (no caso, *sovina*). Poderia talvez colocá-la em primeiro lugar e informar desse critério no prólogo (inexistente nos dicionários bilíngües em apreço).

Concluindo, em relação aos dicionários bilíngües que tratam de idiomas com tão grandes variações regionais, como é o caso do Espanhol e do Português, pode-se dizer que a sua contribuição ao tradutor se alargaria se não fossem esquecidas as variantes latino-americanas. Entretanto, por serem editados na Europa, a maioria deles privilegia o padrão do Espanhol e do Português peninsulares. A desconsideração pela realidade lingüística latino-americana prejudica o trabalho de "transporte de uma língua a outra (leia-se "de uma realidade a outra") idéias, sentimentos, visões de mundo...". Enfim, o trabalho construído pela tradução de "levar ao outro lado".

<sup>4</sup> PORTUGUÊS - Espanhol. Porto: Porto Editora. 1982. 594 p. (Dicionários Acadêmicos).

<sup>5</sup> LIMA, Itilde Brando de (Org.) *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Gamma, [19--]. 1650 p.

Caberia, portanto, aos pesquisadores latino-americanos dessa área de conhecimento incrementar a produção de obras lexicográficas, em que o padrão lingüístico americano seja contemplado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Vera Lúcia do. Acertos e desacertos em dicionários bilíngües português-espanhol/espanhol-português. *Alfa*, São Paulo, v. 33, p. 115-128, 1989.
- BOCADO, Alfonso Carlos (Dir.). *Grijalbo diccionario práctico de la lengua española*. Barcelona: Grijalbo, 1988, 1071 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1516 p.
- HAENSCH, G., WOLF, L., ETTINGER, S., WERNER, R. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. 563 p.
- LIMA, Hilde Brando de (Org.). *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Gamma, [19--]. 1650 p.
- PORTUGUÊS-Espanhol. Porto: Porto Editora. 1982. 594 p. (Dicionários Acadêmicos).
- REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. *Alfa*. São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984. (Suplemento).
- YEBRA, V. Garcia. *Teoría y práctica de la traducción*. Madrid: Gredos, 1984. v. 2. 873 p.